

DA VÁRZEA AO LUGAR:

ESPACIALIDADE, IDENTIDADE E MODOS DE MORAR EM PALAFITAS ÀS MARGENS DO RIO CAMPOMPEMA, ABAETETUBA-PA

AZEVEDO, MATHEUS SILVA

Universidade Federal do Pará | Azevedomatheus.institucional@gmail.com

KUWAHARA, LETÍCIA MARTEL

Universidade Federal do Pará | leticiakuwahara9@gmail.com

LEITE, AIMÊ ROCHA DA SILVA

Universidade Federal do Pará | aimeorchaleite@gmail.com

LIMA, PAULA VITÓRIA RODRIGUES DE

Universidade Federal do Pará | limapaulafp121@gmail.com

SILVA, LUIZ DE JESUS DIAS

Universidade Federal do Pará | Ljds@ufpa.br

EIXO TEMÁTICO: 4 - Usos, técnicas e espaços

Resumo: Este artigo analisa a arquitetura vernacular desenvolvida por comunidades ribeirinhas da Amazônia, com foco nos processos de transformação do espaço de várzea em lugar. A várzea, a partir dos processos de ocupação e remodelagem da paisagem, se constitui como um lugar carregado de significados, identidade, memória e pertencimento, conforme as concepções de lugar propostas por Tuan (1983), Relph (1976) e Augé (2017). O estudo concentra-se na comunidade tradicional do Projeto de Assentamento Agroextrativista (PAE) São João Batista, localizada às margens do rio Campompema, no município de Abaetetuba, Pará, onde o modo de vida ribeirinho se expressa por meio de uma espacialidade profundamente vinculada ao ambiente natural que os permeia. Palafitas, estivas e malocas materializam saberes tradicionais transmitidos entre gerações, articulando técnicas construtivas e estratégias adaptativas às dinâmicas de cheia e vazante. Metodologicamente, a pesquisa adota a abordagem etnográfica, combinando observação direta, entrevistas abertas e fechadas, observação participante, registros fotográficos e etnotopografia, entendida, segundo Lima (2019), como uma articulação entre etnografia e estudos em arquitetura e urbanismo. A análise fundamenta-se em um ciclo interpretativo composto por três momentos: Perceber-Construir-Habitar. O Perceber refere-se ao reconhecimento sensível das temporalidades, espacialidades e dinâmicas da natureza; o Construir corresponde à tradução desse conhecimento em soluções arquitetônicas adequadas às condições ambientais e sociais; e o Habitar consolida o sentimento de pertencimento, transformando o espaço em lugar por meio de narrativas, práticas cotidianas e continuidade cultural.

Palavras-chave: Várzea amazônica; lugar; espacialidades; arquitetura vernacular; identidade ribeirinha

FROM THE FLOODPLAIN TO THE PLACE: SPATIALITY, IDENTITY, AND WAYS OF LIVING IN STILTED HOUSES ON THE BANKS OF THE CAMPOMPEMA RIVER, ABAETETUBA-PA.

Abstract: This article analyzes the vernacular architecture developed by riverside communities in the Amazon, focusing on the processes that transform floodplain space into place. Through processes of occupation and landscape remodeling, the floodplain is constituted as a place filled with meaning, identity, memory, and belonging, according to the conceptions of place proposed by Tuan (1983), Relph (1976), and Augé (2017). The study focuses on the traditional community of the São João Batista Agroextractive Settlement Project (PAE), located on the banks of the Campompema River, in the municipality of Abaetetuba, Pará, where the riverside way of life is expressed through a spatiality deeply connected to the surrounding natural environment. Stilt houses, platforms, and communal homes materialize traditional knowledge passed down through generations, combining construction techniques with adaptive strategies suited to the dynamics of high and low water levels. Methodologically, the research adopts an ethnographic approach, combining direct observation, open and closed interviews, participant observation, photographic records, and ethnotopography, understood, according to Lima (2019), as an articulation between ethnography and studies in architecture and urbanism. The analysis is based on an interpretive cycle composed of three moments: Perceiving-Building-Inhabiting. Perceiving refers to the sensitive recognition of nature's temporalities, spatialities, and dynamics; Building corresponds to translating this knowledge into architectural solutions suited to environmental and social conditions; and Inhabiting consolidates a sense of belonging, transforming space into place through narratives, daily practices, and cultural continuity.

Keywords: Amazonian floodplain; place; spatiality; vernacular architecture; riverside identity

DE LA VÁRZEA AL LUGAR: ESPACIALIDAD, IDENTIDAD Y MODOS DE HABITAR EN PALAFITAS A ORILLAS DEL RÍO CAMPOMPEMA, ABAETETUBA-PA.

Resumen: Este artículo analiza la arquitectura vernácula desarrollada por comunidades ribereñas de la Amazonía, con énfasis en los procesos de transformación del espacio de la llanura de inundación en lugar. La llanura de inundación, a partir de los procesos de ocupación y remodelación del paisaje, se constituye como un lugar cargado de significados, identidad, memoria y pertenencia, conforme a las concepciones de lugar propuestas por Tuan (1983), Relph (1976) y Augé (2017). El estudio se centra en la comunidad tradicional del Proyecto de Asentamiento Agroextractivista (PAE) São João Batista, ubicada a orillas del río Campompema, en el municipio de Abaetetuba, Pará, donde el modo de vida ribereño se expresa mediante una espacialidad profundamente vinculada al entorno natural que los rodea. Palafitos, pasarelas elevadas y malocas materializan saberes tradicionales transmitidos entre generaciones, articulando técnicas constructivas y estrategias adaptativas a las dinámicas de creciente y vaciante. Metodológicamente, la investigación adopta un enfoque etnográfico, combinando observación directa, entrevistas abiertas y cerradas, observación participante, registros fotográficos y etnotopografía, entendida, según Lima (2019), como una articulación entre etnografía y estudios en arquitectura y urbanismo. El análisis se fundamenta en un ciclo interpretativo compuesto por tres momentos: Percibir-Construir-Habitar. El Percibir se refiere al reconocimiento sensible de las temporalidades, espacialidades y dinámicas de la naturaleza; el Construir corresponde a la traducción de este conocimiento en soluciones arquitectónicas adecuadas a las condiciones ambientales y sociales; y el Habitar consolida el sentimiento de pertenencia, transformando el espacio en lugar mediante narrativas, prácticas cotidianas y continuidad cultural.

Palabras clave: Llanura de inundación amazónica; lugar; espacialidad; arquitectura vernácula; identidad ribereña

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca compreender as tramas e transformações envolvidas nos processos pelos quais o espaço de várzea se constitui como lugar, entendendo-o não apenas como um suporte físico submetido às oscilações do regime das marés, mas como uma construção cultural, simbólica e vivida. Conforme discute Augé (2017), o lugar está inserido em uma articulação indissociável entre cultura, tempo e espaço, operando como dispositivo espacial que confere identidade e pertencimento a determinados grupos sociais. Nesse sentido, o lugar é atravessado por subjetividades e por uma carga empírico-tecnológica que, no contexto amazônico, expressa territorialidades capazes de sustentar comunidades inteiras em regiões historicamente marginalizadas pelos modelos hegemônicos de desenvolvimento.

Parte-se do entendimento de que a várzea amazônica se configura como lugar nos termos propostos por Relph (1997) e Tuan (2012), que cunham o conceito de Topofilia, isto é, como espaço apropriado, vivido e dotado de significados afetivos e identitários. Nesse sentido, as populações ribeirinhas, ao longo de gerações, desenvolveram práticas e técnicas construtivas que dialogam diretamente com a sazonalidade ambiental, principalmente ao regime dos rios, conforme afirmam Rente Neto e Furtado (2012).

As palafitas, estivas e malocas, enquanto elementos construtivos, convertem o ato de habitar em uma ação que extrapola a função de abrigar-se (Silva e Azevedo, 2025). Nessas arquiteturas, a casa acompanha o movimento das águas e a cada ciclo de cheia e vazante restaura-se o sentido de lugar, reafirmando a relação entre permanência e mobilidade que estrutura o modo de vida ribeirinho.

O estudo encontra foco na comunidade tradicional do Projeto de Assentamento Agroextrativista (PAE) São João Batista, reconhecido pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), localizado às margens do rio Campompema, no município de Abaetetuba, Pará. O assentamento possui aproximadamente 471 hectares e abriga cerca de 500 famílias ribeirinhas extrativistas.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa ancora-se na etnografia enquanto abordagem capaz de apreender os sentidos atribuídos ao espaço a partir da experiência vivida. Conforme De Mattos (2011), a etnografia não se limita à descrição de práticas observáveis, mas implica um processo interpretativo contínuo, no qual o pesquisador se insere no campo para compreender as lógicas internas que estruturam as relações sociais, espaciais e simbólicas que perpassam como o usuário vivencia o espaço.

Sob essa análise, são as experiências materiais e imateriais vividas a partir de uma interpretação baseada nas emoções humanas enquanto permanente de lugares aquilo que classificamos como “espacialidade”, apoiando-se, sobretudo, em antropólogos, arquitetos e urbanistas e geógrafos, que serão desenvolvidos ao longo do artigo. Nessa perspectiva, o conhecimento é produzido na interlocução entre pesquisador e sujeito, a partir de uma escuta atenta, da convivência prolongada e da observação das práticas cotidianas.

Dialogando com Magnani (2002), adota-se a etnografia como um exercício de “olhar de perto e de dentro”, que privilegia a observação das dinâmicas ordinárias, dos arranjos espaciais e das formas de sociabilidade que muitas vezes escapam às análises macroestruturais. Tal abordagem permitiu compreender como o espaço de várzea é vivido, praticado e continuamente ressignificado no cotidiano ribeirinho, revelando circuitos, trajetos e usos do espaço que estruturam o Habitar.

Nesse sentido, a observação direta das construções, das práticas produtivas e dos deslocamentos sazonais, articulada a entrevistas abertas e fechadas e à observação participante - considerando que o primeiro autor é nativo do território estudado -, possibilita captar as dimensões sensíveis, técnicas e simbólicas do lugar.

Complementarmente, são utilizados registros fotográficos e a etnotopografia, entendida como uma articulação entre etnografia e estudos em arquitetura e urbanismo, voltada à leitura do espaço a partir de seus usos, materialidades e sentidos atribuídos pelos sujeitos (Lima, 2019). Tal estratégia metodológica permite visualizar o ciclo Perceber-Construir-Habitar como processo contínuo de produção do lugar.

Dessa forma, o sentido de definir “lugar” aqui proposto é ser capaz de representar as territorialidades, ou seja, sensações de pertencimento, controle e co para/com o local, manifestadas na construção da casa nas regiões remotas da Amazônia, onde a percepção das dinâmicas do meio orienta o desenvolvimento de comunidades inteiras. Nesses territórios, de forma orgânica, práticas e tecnologias são constantemente reinventadas empiricamente, a fim de garantir a manutenção do modo de vida ribeirinho ao longo do tempo.

A espacialidade das palafitas à margem do rio Campompema, em Abaetetuba-PA, expressa esse ciclo em sua plenitude, uma vez que a vida ribeirinha se articula em constante negociação entre o território fluido da água e as estratégias de permanência. Assim, a várzea deixa de ser apenas cenário natural e transforma-se em lugar, tecido por narrativas de pertencimento, memória e continuidade cultural. Como destaca Duarte et al. (2023), a espacialidade manifesta materialmente a dimensão

sensível dos lugares, sendo a percepção o elemento que articula as territorialidades ribeirinhas.

Reconhece-se que esses modos de morar e de constituir lugar encontram-se sob constante ameaça diante de modelos hegemônicos de produção do espaço que estigmatizam a arquitetura ribeirinha como expressão de precariedade. Ao contrário, este estudo afirma a arquitetura vernacular amazônica como expressão legítima de saberes, identidades e racionalidades próprias, evidenciando o entrelaçamento entre natureza, cultura e território nas várzeas amazônicas.

Neste trabalho, propõe-se analisar a constituição do lugar de várzea a partir do ciclo que se estrutura em três momentos: Perceber-Construir-Habitar. Primeiramente, há o Perceber, que corresponde ao reconhecimento do espaço, da temporalidade e das dinâmicas da natureza, como o movimento das marés e os períodos de cheia e vazante. Em seguida, manifesta-se o Construir, em que o saber tradicional se materializa em técnicas capazes de responder às demandas ambientais e sociais, como as palafitas, estivas e malocas. E por fim, o Habitar que consolida o processo de cíclico, o qual estabelece o espaço de várzea como o lugar de moradia e sustentabilidade desse modo de existir.

2. PERCEBER-CONSTRUIR-HABITAR: APORTE TEÓRICO-CONCEITUAL

2.1. LUGAR, IDENTIDADE E PERTENCIMENTO

Ao localizar o corpo em um dado espaço, diversos sentidos são estimulados para que se tenha atitude e perceba o entorno. Essa percepção está aliada aos aspectos materiais e/ou imateriais, os quais dependem da subjetividade, ou seja, da experiência e visões de mundo estabelecidas ao longo da vida para apreender e relacionar o “eu” com o lugar. Por conseguinte, o lugar é o espaço vivido, segundo Tuan (1983), o qual depende da percepção, uma vez que o espaço pode ser meramente uma dimensão física, como também pode se tornar um lugar. Ao mencionar lugar, entende-se como o espaço que carrega elos subjetivos e relações de identidade, memória, significados e afetos para com o sujeito.

Nesse sentido, Augé (2017) afirma que o espaço é mais abstrato que o lugar, pois um mesmo espaço pode assumir diversos lugares a partir das impressões subjetivas. Dessa forma, um mesmo espaço compreende espacialidades múltiplas a partir do que se implica a ele, e tendo em vista a sua percepção enquanto lugar Augé (2017) afirma que é identitário, relacional e histórico. Para Duarte et al (2023), a consciência sobre a

experiência percebida advém das vivências, as quais são capazes de dar compreensão às coisas.

Sentimos e vivenciamos primeiramente o espaço para depois classificá-lo em nossos juízos. Muitas vezes, a espacialidade para um sujeito desinteressado parece ser somente um ente físico dimensional, dissociada de uma dimensão subjetiva que necessita dos elos sensitivos para se exteriorizar (Duarte et al, p. 53, 2023).

Dessa forma, o lugar enquanto *habitat* submerge a partir das cargas subjetivas, pois à medida que o espaço é de fato percebido, pode tomar consciência sobre si num dado espaço e tempo, que o faz acessar os lugares construídos a partir das interpretações da memória enquanto experiência vivida (Augé, 2017). É possível observar a corroboração para com essa interpretação quando apoiamo-nos em Duarte et al (2023, p. 58), os quais abordam a relação entre o desenvolvimento humano do perceptor e experimentação sensível da existência para chegarem no desenvolvimento de novo *Cogito*, lei máxima originalmente promulgada por Descartes, a partir de um entendimento análogo ao princípio “penso, logo existo”, em que propõe a expressão “eu vivo, logo eu percebo”, considerando que a percepção, o sentir, é inerente aos seres vivos. Portanto, os autores mencionam que ela, ligada ao sentir e dar sentido, é a comunicação e interpretação das coisas por meio da cultura, história e hábitos que o corpo imprime ou expressa nos espaços, uma vez dotado de subjetividades e noções sobre sua posição no mundo.

Desse modo, o lugar depende de uma cultura, ancorada em um tempo e em um determinado espaço, os quais a percepção é capaz de alcançar devido às cargas mencionadas. Tendo isso em vista, identidade e pertencimento a um lugar está intimamente relacionado a experiências e conhecimentos prévios que auxiliam na dinâmica de percepção. Portanto, Callai (p. 2-3, 2004) afirma que “O reconhecimento destes dois conceitos criam a capacidade/possibilidade de se entender (a si próprio) como sujeito que constrói a sua vida, produzindo a sua história e concretizando-a ao construir/produzir o seu espaço”, ou seja, a percepção aliada às diversas variáveis “(...) tramam entre si, as formas de ação em relação ao ambiente, à natureza” (Callai, p. 5, 2004).

Por conseguinte, as formas de ação apresentam os valores e comportamentos de uma cultura que se instauram no contexto espacial e possibilitam, por fim, a dinâmica cíclica aqui proposta de “Perceber-Construir-Habitar”. Como citado, o Perceber desperta e introduz o ciclo através do acionamento das memórias e conhecimentos de mundo, que, por diante, faculta e viabiliza o estágio seguinte, Construir, empreendendo e produzindo, a partir da percepção, um constructo para o Habitar, o qual desencadeia e culmina todos os valores mencionados.

Por uma abordagem teórica mais racionalista acerca das cidades, para Castells (1983) uma análise culturalista está fundamentada em premissas como tipo técnico de produção, sistema de valores e forma de organização do espaço, que nada mais são do que as dinâmicas simbólicas de comunicação de uma dada cultura. Por conseguinte, são as premissas que os fazem pertencer, pois na constituição da várzea em lugar os agentes sociais detêm as técnicas de produção, ligadas ao conhecimento empírico que vem dos valores, que dão embasamento para a organização espacial, resultando nos modos de morar.

Portanto, contextualmente à cultura científica analisada, o rio enquanto protagonista desse Habitar conduz e envolve esse conjunto de atributos que formam o ciclo. Assim, o lugar da várzea representa o cruzamento de histórias, que segundo Augé (2017) se multiplicam em memória, viram herança e se tornam um meio de reconhecimento que situa os agentes a atribuir seus lugares.

2.2. MODOS DE MORAR RIBEIRINHO

O modo de vida ribeirinho é baseado no uso e conservação dos recursos naturais e biodiversidade do ambiente em que vivem, além de estar estreitamente relacionado ao regime das águas e das matas. Com isso, a população se reconhece enquanto ribeirinho, caracterizando um empoderamento sobre os saberes tradicionais, práticas geracionais, cultura e relação com a natureza (Posey, 1980; Lira e Chaves, 2016).

Tendo por base os autores supracitados, parte-se do entendimento de que as comunidades tradicionais, na Amazônia, possuem "um modelo particular de gestão dos recursos naturais e de organização social" (Chaves, 2001, p.77). Assim sendo, a comunidade se constitui "num espaço onde se estabelece a construção de identidades sociais, de projetos comuns, mas também, de manifestação da diversidade" (Chaves, 2001, p. 77). Portanto a comunidade é o espaço em que se solidificam as relações sociais e modos de vidas específicos, bem como, formas de gestão apropriadas dos recursos locais, o que evidencia o importante papel da cultura.

Neste contexto, observa-se a correlação das margens fluviais com as populações ribeirinhas, os quais encontram-se ligados por fatores sociais, geográficos e dinâmicas espaciais, que se relacionam com as configurações dos contextos locais. Nesse sentido, desencadeiam relações subjetivas com o entorno, culminando em um modo de vida que utiliza como base as interações e experiências dos atores sociais com os rios.

Portanto, é preciso reconhecer que tais modos de morar e de constituir o “lugar ribeirinho” consolidam-se como forma de resistência e afirmação dessa identidade e dos saberes ancestrais. A identidade ribeirinha a partir do modo de morar tradicional não se resume ao simples ocupar as margens dos rios, mas consiste em toda a complexidade que envolve o ciclo Perceber-Construir-Habitar.

Trata-se de um modo de vida pautado majoritariamente na subsistência, por meio das práticas do extrativismo vegetal-florestal e da pesca artesanal, materializando na casa a dimensão simbólica e cultural. Nesse sentido, a moradia, segundo Salgado e Carvalho (2017) representa o patrimônio familiar para essas pessoas, em que a autoconstrução está baseada nas percepções ambientais daquele habitat, transformando o espaço em lugar a partir das construções.

Esse processo revela-se de forma muito mais complexa e multifacetada, o que permite caracterizar a ribeiridade, conceito trabalhado por Rente Neto e Furtado (2015), a partir das práticas, hábitos e cultura baseado no regime das águas. Assim, ser ribeirinho não se limita a estar na beira do rio, mas abarca uma rede de relações que pode incluir diferentes sujeitos, espaços e temporalidades.

Este estudo busca, portanto, contribuir para a compreensão da arquitetura vernacular amazônica enquanto manifestação que não apenas responde a condicionantes ambientais, mas que também configura modos de vida que se traduzem em práticas cotidianas, memórias e sociabilidades que enraízam identidades e fortalecem vínculos comunitários. A várzea, ao tornar-se lugar, evidencia o entrelaçamento entre natureza e cultura, técnica e tradição, memória e espacialidade, constituindo-se como expressão maior da relação simbiótica entre comunidades ribeirinhas e o território que habitam.

3. TERRITORIALIDADE E ESPACIALIDADE RIBEIRINHA: UM MERGULHO NAS ÁGUAS DO RIO CAMPOMPEMA

A análise da territorialidade e da espacialidade ribeirinha no rio Campompema exige compreender o território a partir das complexidades que produzem o lugar. Com isso, busca-se transcender a percepção do território pelas lentes da geografia e compreendê-lo como construção social historicamente produzida e continuamente atualizada pelas práticas cotidianas e pelos saberes locais.

Inicialmente, discorre-se sobre as informações apreendidas empiricamente ao longo dos anos pelo autor morador, perceptor inicial do espaço. No contexto do Projeto de Assentamento Extrativista (PAE) São João Batista, nas ilhas de Abaetetuba, a arquitetura vernacular e as práticas de construção/moldagem do que hoje se constitui como lugar de vivências e existências evidencia que o morar se especializa em uma

prática territorial complexa, na qual o Perceber-Construir-Habitar parte da orgânica dinâmica de organização social e ambiental que operam de maneira integrada ano após ano.

Nesse sentido, o ciclo se pauta na condição existencial marcada pela fluidez, mobilidade e adaptação constante aos ciclos hidrológicos. Assim, pode-se concatenar, à vista de uma perspectiva mais holística sobre este modo de morar como expressão cultural e identitária, vinculada às formas de vida e às estratégias de permanência no território.

O território vivido, nessa perspectiva, configura-se como experiência relacional construída a partir da interação permanente entre comunidade, rio e floresta. É onde furta-se o olhar da forma superficial que há muito tempo fora apresentada acerca destas comunidades, e adentra-se na noção de ribeirinidade. De acordo com Rente Neto e Furtado (2015) conceitua-se como o vínculo indissociável da forma de existir - necessidade básica refletida no desenvolvimento das técnicas - com a constituição das próprias identidades locais, é um movimento de evidência que busca elucidar uma perspectiva de vida nada nova - na verdade há muito tempo existente neste território amazônico - somente invisibilizado e proposto como forma vulnerável de viver.

De acordo com as vivências, percebe-se que o fluxo do rio Campompema, neste caso, desempenha papel estruturante na organização espacial e temporal da comunidade: regula deslocamentos, orienta a localização das moradias, organiza setores, define períodos de pesca e influencia diretamente as decisões construtivas, é o próprio pragmatismo cosmológico tão incompreendido na hegemonia do “ver” - vago e superficial -, ao invés do que se pratica nas comunidades - o Perceber - que permite entender o olhar justamente no que tange a própria espacialidade, que emerge da incorporação prática desses ritmos naturais, convertendo os fenômenos ambientais em referências cotidianas de organização da vida social.

O território transforma-se em lugar à medida que é apropriado por meio de práticas reiteradas - construir, pescar, nadar, navegar, cultivar - que atribuem sentido ao espaço e consolidam vínculos de pertencimento. Nesse processo, a intervenção física, que consideramos como ato de “moldagem do lugar” (Duarte, 2013), assume papel central, pois materializa uma racionalidade técnica que traduz o conhecimento ali acumulado nas últimas gerações.

Ademais, durante a escrita do presente artigo, foram realizadas diversas visitas por parte das demais autoras à comunidade, onde permaneciam por dias no local, em incursões cujas características - olhar atento, permanência prolongada, conversas com

moradores e inserção no contexto estudado (Rocha e Eckert, 2008) - apontam para uma etnografia em todos os sentidos

Assim, durante uma conversa realizada entre os familiares do autor morador, seu pai¹, que relatou ter participado da construção de diversas casas do assentamento e, inclusive, responsável pela obra de sua própria, nos oferece informações que reiteram, de certa maneira, as reflexões inicialmente abordadas. Destaca-se isso em um momento que o entrevistado cita que suas decisões projetuais relativas à altura do assoalho, à escolha das espécies de madeira, ao posicionamento das estivas, e a orientação das próprias casas, muitas vezes não perpassam por uma decisão imediata, mas decorrem da observação sistemática das marés, da experiência transmitida entre gerações e da necessidade de garantir durabilidade e funcionalidade diante da sazonalidade das águas.

De modo mais amplo o território do assentamento subdivide-se em três grandes setores: baixo, meio e cima, definidos respectivamente a partir da cidade de Abaetetuba, no sentido da enchente do rio Campompema, conformando blocos espaciais de ocupação. Esse território organiza-se em unidades denominadas vilas, compostas por faixas que variam entre cinco e quinze moradias.

As espacialidades na comunidade se constituem a partir de uma organização que se desdobra do macro ao micro, revelando uma lógica territorial própria, construída a partir das dinâmicas sociais, ambientais e produtivas da vida local (Azevedo e Silva, 2024). Em escala macro, essa espacialidade corresponde ao território do Projeto de Assentamento Agroextrativista (PAE) como um todo, abrangendo a Ilha Campompema, sua porção central e as margens situadas à esquerda de quem acessa a comunidade a partir da sede urbana de Abaetetuba.

Conforme apontam Azevedo e Silva (2024), essa organização territorial expressa uma lógica coletiva de ocupação e gestão do espaço profundamente vinculada às dinâmicas ambientais, cuja configuração estrutura a forma às estratégias de organização política e religiosa da vida local. No interior desses blocos, a escala micro do Habitar se materializa nas casas, que se dispõem espacialmente do rio em direção à floresta, conectadas por pontes e estivas que garantem o acesso ao rio - elemento estruturante da mobilidade, do trabalho e das relações sociais (Azevedo e Silva, 2024).

¹ Pela facilidade de comunicação com o entrevistado, tendo em vista sua relação familiar com o autor morador, é de se destacar que todas as informações cuja autoria não foram citadas no início do depoimento, sobretudo no que se refere à detalhes construtivos das moradias do assentamento, são provenientes dele.

Em alguns casos, malocas atuam como anexos entre as moradias, ampliando os espaços de convivência, enquanto portos individuais ou coletivos consolidam a interface entre casa, rio e território. E são nesses processos de modelagem da paisagem que se evidencia a transposição da várzea enquanto uma área baixa e alagada, e se constitui como lugar tecido por práticas cotidianas, memórias compartilhadas, pertencimento e estratégias de permanência que reafirmam a continuidade cultural e identitária, sendo, portanto, a base do próprio Habitar.

A organização das vilas ao longo do rio (Figura 1) revela, igualmente, uma lógica espacial que articula sociabilidade e adaptação ambiental. As casas distribuem-se predominantemente de forma longitudinal, acompanhando a margem e avançando progressivamente em direção à floresta, conectadas por estivas que estruturam a circulação interna. Essa configuração espacial não apenas facilita o acesso ao rio - elemento vital para transporte e trabalho - como também consolida uma rede de proximidade entre vizinhos, favorecendo a cooperação e a convivência cotidiana. As estivas frontais tendem a assumir caráter mais público, articulando circulação e encontros, enquanto as áreas posteriores aproximam-se do espaço produtivo e doméstico, integrando quintais, pequenos cultivos e atividades complementares, em uma espacialidade construída que evidencia uma gramática na qual limites entre público e privado, casa e comunidade, trabalho e moradia se apresentam de maneira fluida.

Figura 1: Fotografia da espacialidade de uma vila ribeirinha



Disposição das casas em vilas (possível de traduzir relação de proximidade das casas com o vínculo familiar e comunitário local).

Fonte: os autores, 2024

Os portos, materializados pelas estivas e malocas, e que se estendem ao rio pelos corpos de miritizeiros - também conhecido como buritizeiro, é uma palmeira de tronco

longo e espesso típica da Amazônia, comum em áreas de várzea-, representam pontos estratégicos dessa espacialidade. São locais de transição entre a casa e o rio, onde aportam embarcações, realizam-se trocas e desenvolvem-se atividades cotidianas como o banho, muitas vezes a lavagem de utensílios e a apreciada paisagem nos fins de tarde. Esses espaços sintetizam a interdependência entre cultura, a natureza e os processos sensíveis de moldagem do lugar, pois reúnem as estruturas vernaculares, uso social compartilhado e inserção direta no sistema do rio. As Figuras 2 e 3 apresentam um porto, como dispositivo funcional de acesso quando a maré vaza, mas também como uma extensão do território doméstico e comunitário, o que também elucida o contexto da construção e constituição dos espaços de convivência e produção.

Figura 2: Registros da atividade portuária



Portos com os sistemas de ponte, maloca e miritizeiro
Fonte: os autores, 2024

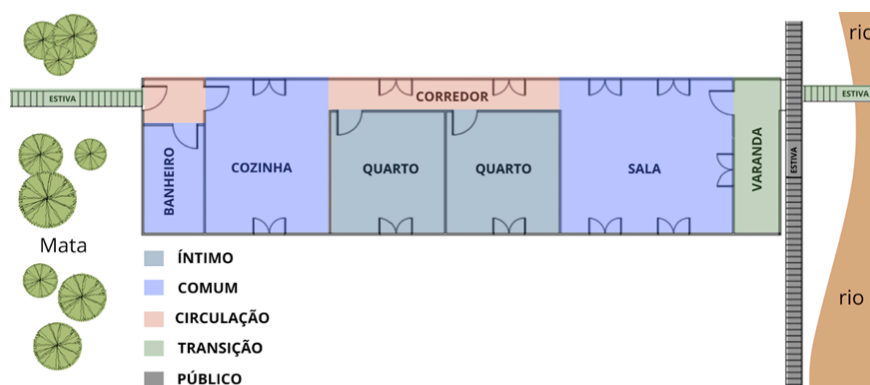
Figura 3: Registros da atividade portuária



Portos com os sistemas de ponte, maloca e miritizeiro
Fonte: os autores, 2024

Ao analisar a unidade micro das formas de organização espacial, a casa se destaca como um elemento fundamental. Ela se apresenta como um espaço de transição entre o rio e a floresta, refletindo a relação íntima entre os moradores e o ambiente natural. A disposição alongada da casa, que se estende do rio à mata, sugere uma busca por aproveitar os recursos naturais e a ventilação, ao mesmo tempo em que se integra ao entorno, como pode ser observado na Figura 4.

Figura 4: Diagrama ilustrado



Planta baixa de tipologia mais comum dentre as casas do tipo palafita na comunidade estudada e de compreensão de situação espacial.
Fonte: os autores, 2024

A casa também se configura como um espaço de organização social, com áreas públicas e privadas claramente definidas. A varanda e a estiva frontal são espaços de

interação social, enquanto os quartos e a cozinha são áreas mais reservadas. Essa organização espacial reflete a cultura e os modos de vida dos moradores, demonstrando como a arquitetura pode influenciar e ser influenciada pelas relações sociais e ambientais.

Portanto, a espacialidade que se constitui nestas comunidades é resultado de planejamento, fruto de um processo incremental de ocupação, ajustado às condições ambientais e às necessidades sociais, é o que orienta a cosmologia do Perceber-Construir-Habitar. Ao verdadeiramente transformar a várzea em lugar, estas comunidades produzem uma forma de Habitar que expressa, simultaneamente, adaptação, organização e identidade. A casa palafítica, as estivas e os portos compõem, nesse caso, um sistema integrado que materializa as relações entre cultura, natureza e técnica, reafirmando que o território vivido é, antes de tudo, resultado da experiência compartilhada e da reprodução cotidiana dos modos de morar na Amazônia.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este recorte da pesquisa que visa compreender a transformação da várzea em Lugar, exprime a lição da resistência e das técnicas que o saber-fazer tradicional reinventa geração a geração. Tais formas de se organizar, construir e habitar são respostas de adaptação às especificidades do ambiente, sustentadas por tecnologias de existências, ao contrário da abstração que permeia o olhar e as narrativas hegemônicas e urbano-centradas.

A compreensão fundamental que este estudo levanta reside na necessidade de compreender que as formas de organização espacial tradicionais desenvolvidas pelos povos da Amazônia são palpáveis e fazem sentido à realidade da própria Amazônia. Enquanto os modelos exógenos buscam aterrar, retificar e isolar as pessoas do ecossistema, o Habitar destas comunidades abraça a sazonalidade das marés e os demais ciclos naturais como estratégia de permanência e eixo de organização de seus modos de vida.

Portanto, reconhecer a várzea como lugar - espaço dotado de toponímia, identidades e memória - é um ato político de reconhecimento também das territorialidades amazônicas como a prova material de que a sustentabilidade, termo tantas vezes esvaziado pelo mercado, aqui é praticada, há séculos, através da simbiose entre povos e natureza.

6. REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Matheus Silva. SILVA, Luiz de Jesus Dias. **Arquitetura Vernacular Ribeirinha na Amazônia: um mergulho nas águas que rodeiam as palafitas nas ilhas de Abaetetuba-Pará.** In: Seminário Brasileiro de Arquitetura Vernacular popular, IV, 2024, Niterói. Anais, Niterói: Even3 – R. Sem. José Henrique, 2024.

AUGÉ, Marc. **Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade.** Papirus Editora, 2017.

CALLAI, Helena Copetti. **O estudo do lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento.** In: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. 2004.

CASTELLS, Manuel. **The city and the grassroots: A cross-cultural theory of urban social movements.** Univ of California Press, 1983.

CHAVES, Maria do Perpétuo Socorro Rodrigues. **Uma experiência de pesquisa-ação para gestão comunitária de tecnologias apropriadas na Amazônia: o estudo de caso do assentamento de Reforma Agrária Iporá.** 2001. Tese (Doutorado em Política Científica e Tecnológica) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Geociências/CIRED, Campinas, SP, 2001. p.77. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/287073>. Acesso em: 21 ago. 2025.

CUIMAR, R. M. **Saberes e Práticas Culturais de Agricultores Familiares da Amazônia Paraense e suas relações com a monocultura do Dendê.** (Dissertação de Mestrado em Educação) Universidade do Estado do Pará (UEPA-2013).

DE MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães. **A abordagem etnográfica na investigação científica.** Campina Grande: EDUEPB, p. 49-83, 2011.

DUARTE, Cristiane. **Moldagem do lugar; remoldagem do olhar. em Novos olhares sobre o lugar: ferramentas e metodologias, da arquitetura a antropologia.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2013.

DUARTE, Cristiane Rose et al. **Experiência do lugar arquitetônico: dimensões subjetivas e sensoriais das ambiências.** Rio Books, 2023.

LIMA, Marília Chaves. **Cidade Entrelaçada: Micropolíticas do cotidiano na Praça Mauá – RJ.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Arquitetura. Rio de Janeiro, 2019.

LIRA, Talita de Melo; CHAVES, Maria do Perpétuo Socorro Rodrigues. **Comunidades ribeirinhas na Amazônia: organização sociocultural e política**. Interações, Campo Grande, v.17, n.1, p.66–76, jan./mar.2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/MXbhGK5VDQbX4bMQzRYDRLN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 ago. 2025.

MAGNANI, J.G.C. **Revista brasileira de ciências sociais**. N.17. Jun. 2002. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/26361600_De_perto_e_de_dentro_Notas_para_uma_etnografia_urbana. Acesso em: 23 fevereiro 2024

PERDIGÃO, Ana Kláudia de Almeida Viana. **Tipo e tipologia na palafita amazônica da cidade de Afuá**. Revista V!RUS, São Carlos, v. 1, n. 13, ago.–dez. 2016.

POSEY, Darrell et al. **Ethnoecology as applied anthropology in Amazonian development**. Human organization, v. 43, n. 2, p. 95-107, 1984.

RELPH, Edward. **Place and Placelessness**. London: Pion, 1976.

RENTE NETO, Francisco, FURTADO, Lourdes Gonçalves. **A Ribeirinidade Amazônica: algumas reflexões**. Revistas USP, São Paulo, 2015.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. **Etnografia: saberes e práticas**. Iluminuras: série de publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, LAS, PPGAS, IFCH e ILEA, UFRGS. Porto Alegre, RS. N. 21 (2008), 23 p., 2008.

SALGADO, Victor; CARVALHO, Bianca. **Habitar Sobre Pilotis: A Moradia Vernácula Ribeirinha No Contexto Urbano Da Amazônia**. Criar com a Natureza, Viver com a Natureza-Turismo: Impactos nos Territórios e Paisagens-Tecnologias de Ontem e de Hoje: As Vertentes da Sustentabilidade, v. 4, p. 80-93, 2017.

SILVA, Luiz de Jesus Dias; AZEVEDO, Matheus Silva. **Arquitetura vernacular amazônica: uma etnografia dos saberes e fazeres tradicionais no rio Campompema, ilhas de Abaetetuba-Abaetetuba-PA**. Campina Grande, PB: Revista Arquitetura e Lugar, 2025.

TUAN, Yi Fu. Topofilia. **Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduep, 2012.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.